

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Aldemiro Gomes Pio

**Simbologias e momentos que remetem a identidade e cultura africana
presentes na Banda de Congo José Lucio Rocha do Quilombo Córrego do
Meio: Na Festa do Rosário em Airões**



Viçosa – MG

2016

Aldemiro Gomes Pio

Simbologias e momentos que remetem a identidade e cultura africana presentes na Banda de Congo José Lucio Rocha do Quilombo Córrego do Meio: Na Festa do Rosário em Airões

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Viçosa, como requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientador: Gustavo Soares Iorio

Viçosa – MG

2016

AGRADECIMENTOS

À minha família, porque se não fosse por ela eu não teria chegado aqui nesse momento. Em especial minha mãe, a linda flor Margarida Rosa, que sempre esteve presente tanto nos momentos altos e baixos da minha vida. Meu querido pai Gualdino, meus irmãos, Itau, Denis, Tino e Caiu, pela amor e amizade de irmãos. Meus sobrinhos Juliana e André, pelos momentos de risada e muita magia.

A todos Tios, Tias, Primos e Sobrinhos, que tenho muito orgulho de ter como família.

Aos meus Brothers e Sisters de Cabo Verde, pela amizade que prova que a distância não muda nada que é verdadeiro.

A meu orientador, Gustavo Soares Iorio, pelas boas sugestões para o trabalho e pela parceria.

À minha segunda família O BLOCO, por tudo que passamos juntos PARENTES! A força do Maracatu uniu todos nós pelo resto da vida. Muito batuque, aprendizagem, conversas, amores, brigas, risadas, viagens, que só somaram na minha vida e fez quem sou hoje.

À banda de Congo José Lúcio Rocha, pelo carinho e ensinamentos esses anos todos. Ao mestre Boi e a querida Lourdes, por toda atenção. Ao Som pela grande ajuda pela realização desse trabalho, a todos entrevistados pela disposição, e a todos que contribuíram para o trabalho.

A galera da Casa Amarela pelos anos de muito companheirismo e bons momentos na república.

À galera africana pela amizade desses anos. Às Cabo-verdianas e Cabo-verdianos que passaram por Viçosa nesse tempo, pela grandessíssima amizade e parceria. Aos brothers Mario, David, Sandro, Isandro, Bob Tanco, Presidente (Sifó), pela amizade da velha guarda africana.

A sede Cultural Casa da Paz, pelos trabalhos maravilhosos desenvolvidos, valorizando e mostrando a importância da cultura popular.

Ao Lambari, melhor casa, e os Amigxs da Vilha por serem a melhor vizinhança.

À Viçosa, por proporcionar tudo isso na minha vida, pelas pessoas maravilhosas que entraram na minha vida!!

“A nossa luta é baseada na nossa cultura, porque a cultura é fruto da história e ela é uma força. ”

“A luta continua. ”

(Amílcar Cabral)

Resumo

A coroação do Rei Congo é uma manifestação popular brasileira originária dos negros africanos que chegaram ao Brasil como consequência do trabalho escravo. O Congado é uma manifestação que teve sua origem através da organização dos escravos em associações de apoio mútuo, que é datada do século XVI, mas que ganhou maior expressividade no século XVIII. A Banda de Congo José Lucio Rocha tem mais de 135 anos de existência e disseminação da cultura popular na região da zona da mata mineira. A formação da banda é composta na sua maioria por moradores da comunidade Córrego do Meio, que desde 2014 foi reconhecida pela Fundação Palmares como uma Comunidade Remanescente Quilombola. Hoje a comunidade passa pelo processo de demarcação do seu território, para que aconteça essa demarcação é elaborado um relatório técnico a ser entregue no INCRA que visa o levantamento de informações cartográficas, geográficas, etnográficas, fundiárias, antropológicas, socioeconômicas, históricas, culturais da comunidade. Nesse sentido, a proposta da pesquisa, vem ao encontro com a temática da africanidade presente na banda de congo da comunidade. Visto que a existência da banda de congo nessa comunidade foi o motor do processo de reconhecimento como comunidade quilombola, o trabalho visa analisar as simbologias e momentos que remetem a identidade e cultura africana presentes na manifestação do congado na festa de Nossa Senhora do Rosário em Airões Minas Gerais.

Palavras-chave: Congado; Cultura Popular; Comunidade Quilombola; Identidade afro-brasileira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – IDENTIDADE E TERRITÓRIO.....	13
1.1 – Instituto Palmares	16
CAPÍTULO 2 – O CONGADO	18
2.1 – A Festa do Rosário em Airões	21
CAPÍTULO 3 - SIMBOLOGIAS.....	30
3.1 – Ferro: Espada; Cruz; Proteção	31
3.2 – Musicalidade: O Tambor; Cânticos; Dança	34
3.3 – Missa Conga	41
3.4 – O Corte	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXO 1- TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	55
ANEXO 2- ENTREVISTA 1	56
ANEXO 3- ENTREVISTA 2	57

INTRODUÇÃO

Minha vivência pessoal com a cultura popular brasileira teve início em 2006, com minha participação e experiência nas festas de congado, principalmente a de Nossa Senhora do Rosário, em Airões, distrito da cidade de Paula Cândido, próxima à Viçosa. A festa de Nossa Senhora do Rosário é uma manifestação cultural popular afro-brasileira, que consiste na coroação do Rei e Rainha Congo. É manifestação originária da época dos escravos que se organizavam em irmandades dos homens pretos, nas quais se elegia um Rei negro que coordenava os interesses do povo negro. No ano de 2006 ajudei na construção e participo, desde então, de um novo grupo de percussão afro-brasileira: O Bloco, formado na sua maioria por estudantes. No início, o grupo estudava e tocava vários ritmos brasileiros como maracatu, ciranda, samba, afoxé, moçambique, entre outros. Hoje ele se caracteriza como um grupo de maracatu de baque virado, tendo como referência a Nação de Maracatu Estrela Brilhante de Recife. Já em 2006 o grupo fez sua primeira apresentação na festa do Rosário em Airões, a convite do mestre Antônio Boi, da Banda de Congo José Lúcio Rocha do Córrego do Meio, como mais uma atração da festa, visto que nos anos anteriores a popularidade da festa estava em decadência. A participação do O Bloco ocorre nesses 10 anos, sempre no mês de outubro nas festas em Airões e em cidades vizinhas de Viçosa.

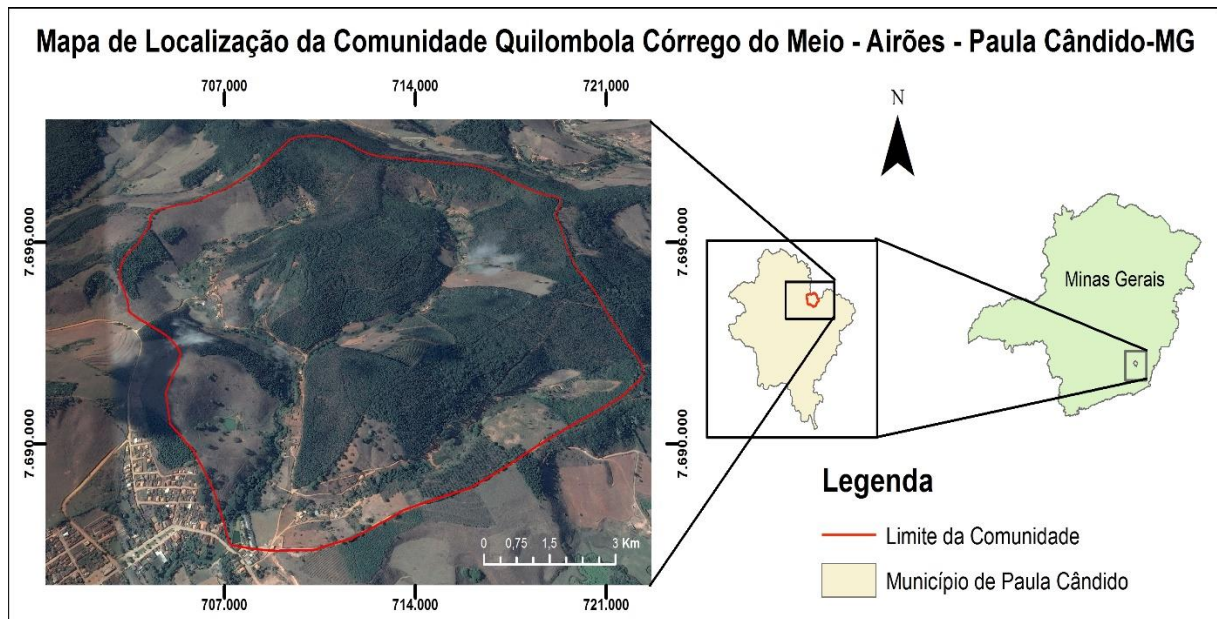
O continente africano é composto por 54 países, entre os quais existem semelhanças, mas também diversidades culturais. Eu sou natural de um país insular composto por 10 ilhas, situado aproximadamente 500 km da costa oeste africana chamado Cabo Verde. Quando os portugueses chegaram a Cabo Verde, em 1460, não existia um registro oficial de nativos em seu território, por isso sua história começa com a colonização portuguesa e sua cultura não pode ser classificada como genuinamente africana contendo seus tambores, panos, cantos, dança, religião, dentre outros, e sim cultura híbrida de tradições africanas aliadas às europeias – principalmente a portuguesa. Sendo assim, isso despertou meu interesse em estudar, participar de grupos culturais afro-brasileiros, principalmente com foco na percussão.

Com o tempo, comecei a despertar a vontade e a necessidade de entender melhor a cultura africana que me originou. Por ser africano e participar de um grupo de percussão afro-brasileiro, sempre fui interrogado sobre assuntos que remetem à cultura negra africana, aos ritmos, à dança, aos dialetos, à culinária, e às curiosidades em geral, pois esse é um assunto muito estudado no seio dos grupos de ritmos ou danças afro-brasileiras.

O objetivo dessa monografia foi realizar uma interpretação das simbologias e momentos que remetem à identidade e cultura negra africana que se fazem presente na Banda de Congo José Lúcio Rocha da comunidade do Córrego do Meio e na festa do Rosário em Airões; para que esses símbolos sejam ferramentas que irão ajudar na luta pela legitimação e afirmação do território dessa comunidade como um território negro e quilombola, e que esteja ligado às suas identidades e memórias históricas e culturais. O congado é uma forte representação cultural descendente de escravos africanos, uma manifestação que existe há aproximadamente 300 anos no Brasil (SOUZA, 2002). A banda de congo José Lucio Rocha de Airões existe há 135 anos e dissemina a cultura popular afro-brasileira na Zona da Mata mineira, como afirma o mestre do congado Antônio Mathias Celestino, mais conhecido por Mestre Boi. A comunidade citada é discriminada pelas suas origens étnicas, pela sua localização periférica e carece de vários apoios sociais, econômicos, infraestrutura culturais e urbanas; aspectos esses observados por mim nesses 10 anos de contato com a comunidade, pela minha participação da festa do Rosário com O Bloco. Por isso acredito que o presente trabalho terá valor na luta pelo reconhecimento dos direitos da comunidade Córrego do Meio como identidade e território negro em Airões, principalmente para os membros do grupo de congado, que são hoje a representação e continuação dessa tradição tão antiga dos escravos no Brasil, que é a coroação do Rei Congo.

“As eleições de reis negros, sobre as quais só encontramos pistas mais consistentes para o final do século XVIII e para o século XIX, deram-se predominantemente no âmbito das “irmandades de homens pretos”- associações leigas formadas por negros, escravos, forros ou livres, em torno de um santo protetor e de um altar no qual se era cultuado. Essas corporações cumpriam diversas funções de ajuda mútua, socialização e diversão. Mesmo existindo notícias de eleições por grupos de negros que não estavam organizados em irmandades, foi nesses espaços que se desenvolveu a festa de reis negros. (SOUZA, 2002. pag. 181)”

Mapa de Localização do Córrego do Meio



O meu campo de pesquisa é com saberes e culturas populares, o trabalho foi uma Pesquisa Participante que tem por objetivo facilitar um maior entrosamento com o tema, em que as metodologias utilizadas no trabalho são na maioria pesquisas participativas, que tenham um diálogo entre elas como a História Oral Híbrida, Pesquisa-ação e Pesquisa Bibliográfica.

A escolha pela utilização da História Oral como principal fonte de informação para a monografia foi motivada pela importância da valorização do conhecimento transmitido entre gerações, que nem sempre é documentada e muitas vezes fica registrada através da oralidade presente nas músicas, histórias, contos, em vários símbolos presentes na cultura de um povo. Tendo em conta que o trabalho retrata a história do povo negro africano, tirados a força e escravizados no Brasil, que tiveram grande parte da sua história apagada e nem documentada na íntegra pelo colonizador. Existem formas de resistência e preservação de seus costumes e tradições, eternizadas nas mais variadas manifestações afro-brasileiras espalhadas por todo o Brasil, e o Congado é uma delas. “Neste sentido, a história oral se mostra fator significativo, meio de manter a experiência passada em estado de ‘presentificação’.” (MEIHY, HOLANDA, 2007, p 26).

Fazendo uso da história oral como metodologia, foram aplicadas entrevistas na comunidade do Córrego do Meio, onde se encontra a banda de Congo José Lúcio Rocha. A escolha de Airões advém fundamentalmente pelo meu envolvimento com a comunidade, e por ela manifestar a

cultura popular de forma significativa, o que facilitou a aproximação e a pesquisa. Segundo Meihy e Holanda (2007) para se fazer história oral híbrida, é necessário definir os objetivos da pesquisa em objetivo geral, específico e complementares. O objetivo geral da pesquisa foi demonstrar a presença da cultura africana no congado; as suas simbologias africanas como elementos de afirmação de identidade e pertencimento de um território negro foi o objetivo específico. A realização das entrevistas devem ser divididas em três partes distintas porém complementares: comunidade de destino, colônia e rede. A Comunidade de Destino, segundo o autor, se divide em duas classificações: uma com base material, que no caso são situações que dão unidade traumática ao grupo como destino das pessoas, calamidades, terremotos, flagelos, que marcam a vivência coletiva num determinado lugar físico e cultural; e outra com fundamento psicológico, gênero ou orientação (política, cultural ou sexual), que revela experiências morais com pessoas que passaram por traumas, abusos, discriminação, violência.

Na pesquisa, determinei como Comunidade de Destino a comunidade do Córrego do Meio, onde há o grupo de congado com o qual posso realizar entrevistas com moradores da comunidade. Essa comunidade e seus moradores apresentam semelhantes características traumáticas de vivência social. Eles pertencerem a uma classe social mais baixa, maioria negros descendentes de escravos que viviam nos quilombos e fazendas próximas a Viçosa, sofrem com o racismo até hoje, residem em bairros afastados do centro, que são discriminados socialmente e que carecem de várias estruturas urbanísticas.

A Colônia é uma parte da comunidade de destino e se pensamos a comunidade de destino como um todo, a Colônia é uma parcela que irá simplificar o entendimento que se pretende alcançar. No entanto, essa divisão tem que manter características específicas que justificam tal parcelamento, mas que tenha ligação direta com a comunidade de destino (MEIHY, HOLANDA, 2007). Sendo assim, a parcela qualificada como Colônia abrange os integrantes do grupo de congado e que são moradores do Córrego do Meio, que é a comunidade de destino. Por participarem do congado, eles carregam informações mais detalhadas da cultura e do significado de cada ação dentro da manifestação do mesmo. As entrevistas serão direcionadas a evidenciar a presença ou não de símbolos na manifestação que remetem à cultura africana.

A Rede é uma subdivisão da Colônia que expressa características singulares. É a menor parcela da comunidade de destino. Segundo Meihy e Holanda (2007), a rede deve ser sempre plural, porque são nas diferenças internas de um grupo que se encontram variados pontos de vista e informações que nem sempre são comuns ao todo. Por isso a Rede será composta pelas

peças mais idosas do congado, que detêm o conhecimento popular e da manifestação em si, que é passado de gerações em gerações, e os integrantes que tenham função de destaque dentro do congado, como os Mestres, Corta Vento, Puxadores (aqueles que cantam embaixadas).

A escolha da pesquisa-ação vem totalmente ao encontro com a proposta do meu trabalho. De acordo com os principais aspectos da pesquisa-ação, a elaboração de um trabalho social no qual se desenvolve uma ação ou esclarece problemas de uma comunidade, é um dos principais objetivos dessa metodologia e isso acontece no trabalho conjunto entre o pesquisador e a comunidade, como afirma Thiollent (2008, p. 18):

- a) Há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas, e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontradas nessa situação;
- d) o objeto da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.

O fato de eu participar há 10 anos das festas do Rosário, possibilita um pouco mais do entendimento e facilita a comunicação com os grupos de congado. Sendo um dos objetivos da pesquisa-ação levar a comunidade pesquisada certa consciência de suas ações ou suas relações históricas, neste caso é fazer um levantamento das simbologias presentes na manifestação do congado que remetem a cultura africana, visto que hoje a comunidade passa por um processo de autoconhecimento ou afirmação como comunidade negra ou quilombola, que hoje são assuntos muito vigentes:

“Nesse caso não se trata apenas de resolver um problema imediato e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos político ou cultural a respeito dos problemas importantes que enfrenta, mesmo quando não se vêem soluções a curto prazo como, por exemplo, nos casos de secas, efeitos de propriedade fundiária etc. O problema é tornar mais evidente aos olhos dos interessados a natureza e a complexidade dos problemas considerados.” (THIOLLENT, 2008, p.21)

A pesquisa bibliográfica entra como metodologia nesse trabalho para sustentar as informações similares obtidas nas entrevistas, que é o processo mais importante da história oral. De acordo com Diehl e Tatim (2004), informações obtidas de levantamentos bibliográficos, como livros de referência, artigos e impressos diversos, são consideradas fontes ricas e estáveis de dados para elaboração de trabalhos científicos, uma vez que oferecem uma gama de informações quantitativas, que ao serem analisadas auxiliam em resultados qualitativos para o

trabalho. Além disso, existe a grande vantagem em relação ao tempo empreendido na pesquisa, pelo fato de depender única e exclusivamente do planejamento do pesquisador para o levantamento de dados.

CAPÍTULO 1

IDENTIDADE E TERRITÓRIO

O objetivo de demonstrar a identidade africana, principalmente no âmbito cultural da comunidade quilombola Córrego do Meio, está estritamente ligada à banda de congo presente nesse quilombo. Se hoje a comunidade é reconhecida como um quilombo, é pelo fato do congado ser uma manifestação afro brasileira, que despertou o debate de autoafirmação da comunidade como um grupo negro, requisito estabelecido no artigo 68 da Constituição Federal de 1988. A comunidade foi formada por escravos e ex-escravos que vieram para a região trabalhar nas grandes fazendas ou que fugiram de outros lugares, dando origem ao quilombo que hoje é a comunidade do Córrego do Meio. Para a próxima etapa da comunidade, que é a realização da demarcação do seu território pelo INCRA, que é baseado no relatório técnico é realizado pelo INCRA, que leva em consideração dados cartográficas, fundiárias, agronômicas, ecológicas, geográficas, socioeconômicas, históricas e antropológicas, obtidas em campo e junto a instituições públicas e privadas. A questão da Identidade é um fator importante para a elaboração do relatório final que irá estabelecer tais limites territoriais.

Ao se falar em Identidade, precisamente numa identidade étnica – como no caso do Quilombo Córrego do Meio - ligada ao seu território, é preciso se embasar nos conceitos de identidade e território estudados na Geografia e áreas afins. Também na convivência com a comunidade, e principalmente com os integrantes da banda de congo, é preciso desvendar através de entrevistas e conversas informais com os sujeitos, os elementos da cultura africana presentes que dão visibilidade, identidade e territorialidade quilombola ao lugar. Para entender um território, é necessário entender a ligação mútua existente entre a comunidade e o seu território, na qual os dois tem uma relação diretamente proporcional de formação, que é construída ao longo de vários anos e gerações. Como salienta Arruti (2002), significativas parcelas da nossa população não vivem sobre simples “propriedades fundiárias”, mas sobre territórios sociais, estreitamente ligados às suas identidades e memórias históricas e culturais. Santos (2004) corrobora, afirmando que a territorialidade não provém do simples fato de se viver em um lugar, mas da comunhão que com ele mantida.

O congado carrega até hoje nuances de uma cultura originária dos negros africanos escravizados no Brasil há mais de 300 anos (SOUZA, 2002). É uma manifestação que consiste na coroação do Rei Congo, devotos da Nossa Senhora do Rosário, a padroeira dos negros. Mesmo existindo o processo de globalização e imposição das culturas hegemônicas dominantes

e as recriações pelas comunidades e grupos em função de sua interação com a natureza e de sua história, que podem influenciar na incorporação de alguns outros elementos, essa característica primordial da identidade do congado é conservada até hoje. A preservação dos costumes, relações sociais, econômicas, políticas, culturais, são os elementos que proporcionam aos sujeitos a força para resistir e manter suas tradições perante as sociedades dominantes, pois no caso específico dos povos negros, sempre houve maior opressão e repressão. Hall (2003, p. 29)

“Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é que chamamos de “tradição, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consiste diante de si mesma, sua “autenticidade”. É claro, um mito – como todo potencial de nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história.”

Sendo reconhecida a identidade étnica nos territórios quilombolas, é obrigação do Estado salvaguardar os direitos de reminiscência aos afrodescendentes, como consta no artigo 215 da Constituição Federal de 1988, “o Estado garantirá a todos, o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura nacional e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. O artigo 216 Constituição Federal de 1988, que se refere a questão de patrimônio cultural, ordena no parágrafo quinto que “Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscência históricas dos antigos quilombos”. O acesso a essas leis de incentivo só procedeu pelo fato da comunidade do Córrego do Meio ter sido reconhecida como quilombola, o que estimula a preservação da cultura popular local e o acesso definitivo ao território que lhes pertence por direito histórico, cultural, étnico. Através de editais que financiam a continuidade e preservação de suas práticas e técnicas que manterá viva as tradições dessa comunidade por várias gerações futuras, mantendo sua identidade,

“Já parece possível contaminar o debate sobre a reforma agrária com a carga crítica que a emergência política desses grupos de natureza étnica e cultural nos impõe à observação. Grupos que lutam não só por “um pedaço de terra” ou pela reparação de erros do passado, mas também pela defesa de seus modos de vida e organização social presentes, suas formas religiosas, rituais e de manuseio da natureza, assim como por uma nova perspectiva de futuro, em que sejam considerados, dentro de suas próprias peculiaridades, como atores relevantes no momento de formação e execução de políticas públicas. (ARRUTI, 2002, p. 3)”

A identidade de uma comunidade se concretiza no território, onde existem e são fixadas as marcas da trajetória desse povo, que vem sendo perpassado por várias gerações mantendo suas tradições. O território oferece as bases naturais, artificiais ou espirituais para que se expresse tal identidade, isto é, “da identificação que determinados grupos sociais desenvolvem com seus espaços vividos”. (HAESBAERT, 2009). Continuando, Haesbaert (2005), explica

duas faces do território em relação a sua apropriação e como força de poder dominante entre as classes que, ao se estabelecerem num determinado lugar, de acordo com sua história ou trajetória hegemônica ou hegemonzada, ela faz representar no território as marcas da sua identidade. Haesbaert (2005, p. 6774)

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *Terrateritorium* quanto de *térreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-político) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação. Ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”.

Quando se fala em território, ele diz respeito tanto no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação (HAESBAERT). E no caso do território da Comunidade do Córrego do Meio, que por muitos anos ele carregou o sentido de dominação, porque, no entorno das famílias da comunidade quilombola, existe grandes áreas de monocultura de eucalipto pertencentes de sujeitos de classe dominante, hoje esse território quilombola, reafirma cada vez mais sua identidade através dos símbolos nesse território. E essa identidade que marca tal território, necessita de um longo período de tempo, da vivência de várias gerações que fixaram nesse território, para ela se concretizar e se reconhecida. “Como decorrência desse raciocínio, é interessante observar que, enquanto, “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, ao contrário do território “unifuncional”, proposto pela lógica capitalista.” (HAESBAERT, 2005, p. 6775)

A terra (território), passa a ter grande valor para a sua comunidade, nesse contexto, o território não simboliza somente a terra como um elemento de moradia e de produção e reprodução, é onde se concretiza a história da comunidade, onde se manifesta toda a identidade cultural da comunidade, principalmente quando se trata de remanescentes quilombola, de acordo com Gusmão (1999, p. 45- 147 apud MALCHER, 2009, p. 14):

“O negro faz parte de uma terra singular, uma terra que possui e da qual é possuído. Sua história nela se inscreve e ele próprio, enquanto negro, nela- a terra- encontrasse inscrito... sua relação com ela (terra) é centrada em ritos, mitos, lendas e fatos. Memórias que contam a sua saga, revelam a sua origem e desvendam, além da própria trajetória, a vida em seu movimento.” “É poder contar com uma terra para qual sempre se volta porque é aí seu lugar.”

1.1- Instituto Palmares

A Fundação Palmares, órgão público brasileiro criado em 1988, voltada para a preservação e promoção da arte e cultura afro-brasileira, é responsável por emitir certificados de Comunidades Remanescentes Quilombolas (CRQ's) em todo o território brasileiro. Ela tem uma política cultural igualitária e inclusiva, buscando a valorização e preservação das manifestações culturais e artísticas negras brasileiras como patrimônios nacionais.

“Art. 2o Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. `PAR` 1o Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade. `PAR` 2o São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural. `PAR` 3o Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental.”

A comunidade da zona rural do Córrego do Meio de Airões atualmente já detém em seu poder o certificado de CRQ's, emitido pela Fundação Palmares. A próxima etapa da comunidade é entrar com o pedido de demarcação do território junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Feita a entrada desse pedido de demarcação, é necessário ser elaborado o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), que visa o levantamento de informações cartográficas, geográficas, etnográficas, fundiárias, antropológicas, socioeconômicas e históricas obtidas no local para realizar a identificação dos limites das terras da comunidade quilombola. Nessas identificações, os elementos que remetem a ancestralidade, cultura, identidades que remetem ao povo negro tem grande valor na elaboração desse relatório. Por isso, o resultado da monografia, fazendo um levantamento das simbologias da cultura africana no congado é um elemento importante para a comunidade do Córrego do Meio.

O Congado Jose Lucio Rocha é o principal motivo que desencadeou todo esse processo de auto reconhecimento da comunidade como uma CRQ's, pela composição do grupo ser na sua maioria de negros e moradores do Córrego do Meio.

O quilombo representa uma das primeiras estratégias de luta de resistência dos africanos contra o sistema colônia escravista. Um processo de afirmação e propagação da identidade dos

quilombolas ao se unirem e fixarem num território onde puderam dar continuidade aos seus costumes.

Ao contrário da versão colonial de quilombo como só um agrupamento de negros fujões, que se escondiam no meio da mata para viverem na condição de homens livres. Pelo fato dos quilombos aceitarem negros fugitivos que supostamente representavam ameaça para a sociedade da época, sempre houve aluta pela destruição dos mesmos. Os quilombos desde sempre foram lugares de aglomeração de grupos étnicos distintos, da classe baixa, na qual a posse da terra sempre foi uma questão de difícil acesso. São lugares onde os quilombolas sempre puderam perpetuar suas culturas e tradições de forma livre. Afirma Fiabani (2005. p.390 apud MALCHER, 2009, p. 7)

“Contemporaneamente”, o termo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consiste em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio.

CAPÍTULO 2

O CONGADO

O congado é uma manifestação da cultura afro-brasileira, que teve sua origem no continente africano, e que vem ao longo dos anos sendo mantida por negros descendentes de escravos no Brasil. Para se falar da origem do Congado, antes é preciso fazer uma breve passagem pela história da coroação do Rei Congo. Uma tradição que se dava dentro da formação das Irmandades de Homens Negros.

A devoção por Nossa Senhora do Rosário, materializada através de irmandades, confrarias, ou associações de negros, segundo Lucas (2014), já estava presente na África no final do séc. XV, através das catequizações impostas pela Igreja Católica, que fora, introduzidas por Portugal na expansão marítima. No Congo, muitas das elites se converteram ao cristianismo mudando suas vestimentas, religião, carregando grande influência no seio da sua sociedade e disseminando o cristianismo. Porém os defensores da tradição sempre opuseram aos conversores: alguns que se converteram, acabaram abandonando o cristianismo pelas obrigações que teriam que cumprir, pois iam contra vários hábitos que já existiam.

“O mais importante rei congolês cristão foi D. Afonso I, filho do primeiro rei convertido e com ele batizado. D. João I, seu pai, logo abandonou o cristianismo pressionado por facções da nobreza que não aceitavam a nova religião. Para eles, ele não se mostrou eficaz contra as desventuras que assolavam o reino. Além disso, o rei e os nobres não resistiam a aceitar a monogamia imposta pelos padres, um dos temas mais polêmicos na aceitação da nova religião, uma vez que a extensão da rede de solidariedades tecida pelos casamentos era peça fundamental nas relações tradicionais de poder. (SOUZA,2002, p.72)”



Figura 1-“Mbembe, D. Pedro VI, rei do Congo, fotografado pelo reverendo R. H. C. Graham. O manto e o cetro de prata lhe foram presenteados em 1888 pelo rei de Portugal.”- Imagem extraída do livro “ REIS NEGROS NO BRASIL ESCRAVISTA”, (SOUZA, 2002, p. 267)

Isso demonstra o hibridismo religioso e cultural presente desde a origem do congado, um sincretismo cultural, religioso, de crença e fé, entre a África e a Europa, mais precisamente Portugal. “Esse resultado híbrido não pode mais ser facilmente desagregado em seus elementos “autênticos” de origem.” (HALL, 2003). O negro africano, escravo no Brasil, se aproveitou da imposição do catolicismo dentro da sua festa, uma condição que dava a ele o privilégio de se colocar na rua para praticar sua cultura e religião, tocando seus tambores, suas danças, seus cantos, louvar seus deuses (orixás), sem que fosse castigado ou privado de fazê-lo. Como demonstra Lucas:

“O Congado tem uma origem luso-afro-brasileira, uma vez que “o catolicismo de Portugal forneceu os elementos europeus da devoção à Senhora do Rosário, a Igreja no Brasil reforçou essa crença, enquanto os negros, de posse desses ingredientes, deram forma o culto e a festa ... Se por um lado esses rituais foram utilizados pelo sistema escravista como mecanismo de controle, por outro, eram um meio pelo qual os negros puderam vivenciar aspectos de sua própria cultura, incluindo elementos de sua concepção de mundo no processo das transformações interculturais. Na qualidade de membros das Irmandades, por exemplo, os encontravam justificativas para as constantes reuniões musicais nas ruas, nas quais lhes era permitida a produção de uma música própria. E mesmo sem o pretexto das festas religiosas, os negros continuaram a tocar a sua música.” (LUCAS, 2014, p. 46, 47)

A coroação de Reis negros é uma manifestação que acontece desde o final do século XVII comprovadamente na América Portuguesa e Espanhola, no Caribe, em Portugal, Espanha e América do Norte (SOUZA,2002). Lugares onde negros africanos foram forçados a se estabelecerem devido ao mercado exploratório e desumano do tráfico negreiro, dando continuidade da tradição da eleição de reis negros, mesmo que aconteça de formas e

manifestações populares distintas. No início da colonização no Brasil, as sociedades se organizavam em Irmandades de acordo com a fé em um santo protetor. Os negros, sendo escravos ou forros, formaram as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, ou as de santos negros, como Santa Efigênia e São Benedito. Essa devoção dos negros por esses santos é um tema muito colocado pelos autores Lucas (2014) e Souza (2002). A história principal relatada por eles é a aparição de Nossa Senhora do Rosário, que dependendo da geografia do lugar, pode ter ocorrido no mar, no rio, na mata, na gruta. Em relação à história do por que Nossa Senhora do Rosário se tornou a protetora dos negros, fica a cargo da explicação dada pelo Mestre Boi:

“Nos cantou aqui, nos falou a mata. Não discuto com ninguém porque um Brasil com muitos anos, os historiador ai, os doutor da lei , eles pode, se eles quiserem dar um documento dão ai pra todo mundo ai que ... a história , eu conheço a história assim. Os antepassado falaram. “O escravo tava no meio do mato buscando lenha, de repente ele vê uma imagem lá no chão, mais velha. Ele veio e falou com o coronel- “Tem uma imagem lá no meio do mato”. O coronel não acreditou mas foi lá e viu. Então o coronel arrumou um montão de gente e pegou aquela santa e trouxe e fizeram uma casinha piquinininha, uma igreja piquinininha e colocou ela dentro. Depois de 3 dias a imagem não tava lá mais. Ai perguntou pro escravo. “ Quem roubou a imagem?”. O escravo apertado pra não morrer correu no mato e viu lá, viu a santa no mesmo lugar. Voltou e falou pro coronel que a santa tava lá. Ai o coronel juntou o grupo deles, buscou a santa e botou la. Depois de três dias a santa sumiu de novo. Ai o escravo mandou de novo, chegou lá a santa tava lá. O que arrumou. O escravo perguntou se podia juntar um grupo, canta e traz ela pra casa. A partir desse momento, trouxe, fez, ela continuou na igreja. Então ela ficou como a protetora nossa. Nossa Senhora de Aparecida, padroeira do Brasil. Protetora do Congado, eu digo do negro, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia. Agora, conversando com os doutores, o sentido da certo porquê, foi numa mata que apareceu com a pedra, nos tem o cântico:

“ Foi numa gruta de pedra que essa santa apareceu

Foi numa gruta de pedra que essa santa apareceu

Foi uma banda de congo, nossa senhora desceu

Foi uma banda de congo, nossa senhora desceu”

Estamos também usando, vendo as coisas que ta ai, nos tamos esquecendo as coisas, nos de idade tamo esquecendo os cântico originais, que não foi cantado esse ano ai no Airões. Nos canta, tem duas partes. Foi numa gruta foi, foi numa gruta de pedra que essa santa apareceu. Se tem pedra é no mar ou na mata. A mata ta ligada a pedra né.

“Deu no dia deu no ano, deu na hora que nasceu

Deu no dia deu no ano, deu na hora que nasceu

A Senhora do Rosário la na mata apareceu

A Senhora do Rosário la na mata apareceu”

Então, a mata, com uma gruta de pedra e mar, os historiador nem nois não ta muito fora não. Essa é a história que nós, quando a gente é, tem amor por ela ou adoração é meio complicado né, porque meche né, muita gente conseguiu graças através dela né, com toda a falta de fé que a gente tem, minha mãe fazia muito pedido pra ela pra mim né, eu consegui libertar ai né. Tenho família, tem vocês, tem muita gente, mas não troco a Nossa Senhora do Rosário por nenhum de vocês, nem pela minha mãe, nem

pelo meu pai, nem por minha família né. Ela é o meu lazer, não tem nada, até agora não apareceu nada pra trocar pela fé do rosário. Eu dou a vida por ela. ... Hoje você ta entrevistando aqui um Matuto, tem leitura nenhuma” (Entrevista com o Mestre Boi, 18 de outubro de 2016)

Sendo o Brasil um país de múltiplas etnias e culturas, o congado surge da coroação do Rei e Rainha entre os negros que cá viviam, como evidencia Lucas (2014, p. 47)

“Segundo Oneyda Alvarenga, tais festas relacionavam-se aos “costumes conguneses que cercavam a eleição de um novo rei ao poder” e também ao hábito, “dos reis dos povos Bantos, de fazerem excursões certados de sua corte, entre cantos e danças guerreiras”

Por coexistirem várias etnias de diversas partes do continente africano juntas no Brasil colonial, sendo escravizados pelo mesmo colonizador por todo o Brasil, surge então a Coroação do Rei Congo, que além do papel festivo, cumpriam a função social de líderes entre os negros. Os reis negros exerciam um papel político e social entre a comunidade negra, e segundo Souza (2002), tais lideres também desempenhavam o papel de líderes revolucionários perante rebeliões contra o sistema escravista, o que acarretava em surgimento de novos quilombos ou no fortalecimento da luta pela preservação de certos quilombos, lugares onde os negros viviam em liberdade e mantinham suas tradições.

“Quanto a história do Congado em Minas Gerais, o registro mais antigo de sua ocorrência no Estado é o de André João Antonioli, que, em sua obra de 1711, deu notícia do costume dos negros de criarem reis, juizes e juizas, por ocasião das festas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Vinculada às histórias do Congado em Minas há também a história de Chico rei, antigo rei africano que teria vindo como escravo para Vila Rica no século XVIII, e após ter conquistado sua liberdade e ajudado na alforria de vários escravos, construiu no Bairro do Alto da Cruz uma igreja para o culto de santa Efigênia, sendo depois coroado rei da festa de Nossa Senhora do Rosário pelo Bispo de Diamantina.” (LUCAS, 2014, p. 48)

O congado é uma manifestação que se encontra espalhada por todo o Brasil, com algumas variações tanto no nome ou na formação dos grupos. São grupos que na sua maioria são formados por negros descendentes de escravos, que são devotos de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia ou São Benedito. De acordo com Vieira (2013, p. 9):

“Os Congados, também denominados de congo e congadas, são realizados em diversos lugares do Brasil, principalmente em Minas Gerais, região de colonização mais antiga, em que “a festa e as irmandades de negros se estruturaram com maior força” (SOUZA, 2002, p. 321). Também estão no Vale do Paraíba, província de São Paulo e em estados como Goiás, na cidade de Catalão, Pará, na cidade de Cametá, Rio Grande do Sul, na Cidade de Osório, e no Espírito Santo. Gabarra (2006), ao citar vários desses locais, acrescenta que, apesar das semelhanças, cada região mantém suas especificidades.

De acordo com França e Popoff (2001), congado vem de “conga”, que significa altar. Os grupos de congado recebem vários nomes: banda, batalhão, guarda ou terno. Esses grupos podem ser de congo, moçambique, marujada, caboclinhos, catopé, cavaleiros (ou cavalhada), camdombe ou vilão.”

2.1- A festa do Rosário em Airões

Na entrevista com o Mestre Boi da Banda de Congo José Lúcio Rocha, ele explica o surgimento ou parte da história da festa do Rosário em Airões. Essas informações, segundo ele, foram passadas entre as gerações que ali viveram através de histórias que ele escutou nos 60 anos em que ele participa do Congado. No ano de 2016 a banda de congo comemorou, no mês de outubro, os 128 anos da festa do Rosário em Airões. Segundo a comunidade local, essa é uma data de comemoração sem a festa ser interrompida nenhum ano desde então. Feito as contas, essa comemoração está datada desde 1888, data comemorativa da abolição da escravidão no Brasil. A festa constitui uma parte relevante da identidade da comunidade, porque todo ano são transmitidos aos jovens ensinamentos e memórias, através dos elementos simbólicos característicos do congado.

No entanto, pelas recordações do Mestre Boi, com 66 anos de idade, e Seu Bené, de 74 anos, atual presidente da banda de congo, dá-se entender que a festa já acontecia em Airões antes de 1888. Deixa a entender que é uma tradição que seus familiares e outras pessoas da comunidade já participavam. Essa noção de tempo da existência da banda fica claro nas seguintes falas dos dois:

“Olha, esse congado aqui nos não temo o, quem foi o cidadão.O padre Alicino é um padre, ele chegou aqui 1940, eu faltava 10 anos pra nascer quando esse padre chegou. Eu sei disso porque ele batizou eu, casou eu duas vezes, casou meu pai , minha mãe, ele morreu com cento e pouco. Eu fui pergunta ele a respeito, quantos anos tinha nossa banda de congo, ele falou que ele chegou aqui em 1940, e ele nasceu em 1912. A primeira missa que ele foi chamado, havia a festa do Rosário, ele nem sabia o que era festa do rosário. Havia um grupo de negro que dançava e cantava pra Nossa Senhora do Rosário, e tem um cidadão, não conheci, um tal de Martim Toca, tinha estatura baixa segundo os outro, o Seu Zé Lúcio, Sr Raimundo Jenuário, Chio Botelho, o Cesário, também morreu. Sabia quando eles entrou já tinha um grupo e eles morreu com quase 90 anos. E a congada com a graças de deus nunca ficou sem essa homenagem a Senhora do Rosário, em 56 eu entrei e também por motivo de bibida , um ano nos 70 eu não dancei congo, eu fui compri uma promessa com a Senhora do Rosário, minha mãe que fez pra mi e eu cumpri ela. (Mestre Boi)

Meu avô que morava na virada aqui me levava no congado, antes, de 15 em 15 dia dava um ensaio na casa do mestre né, do fiscal. Desde de minino já ia acompanhando né, ai eu gostava na hora que turma ia toma café, eles encostava uma viola, um cavaquinho, dava uma folguinha eu já pegava escondido. (Seu Bené)”



Figura 2-Banda de Congo José Lúcio Rocha na procissão na festa do Rosário em Airões, MG 2014

Créditos: Pablo A. Penteado

De acordo com Vieira (2013), em sua pesquisa sobre a relação do grupo de Maracatu O Bloco nas festividades de Nossa Senhora do Rosário em Airões, pelo depoimento concedido a ela, o Mestre Boi relata sobre a vivência de sua tia em que ela fala sobre a idade da Banda de Congo José Lúcio Rocha:

“O atual mestre de congo de Airões, António Mathias Celestino, conhecido como Mestre António Boi, afirma que a banda de Airões está com 135 anos e que ninguém sabe quem a fundou. A história contada a ele por pessoas mais velhas, inclusive sua tia de 94 anos, é que a os irmãos António Coelho e José Coelho moravam e Paula Cândido e participavam do congado. Uma discussão entre eles fez com que António Coelho fosse para Airões e se tornasse integrante do grupo que lá existia. Nem mesmo a informante da história se lembra de qual grupo António Coelho se tornou membro, apenas que já havia um grupo de homens que dançavam em Airões.” (VIEIRA, 2013, p.17)

Um dos entrevistados, o Som de 27anos, mais conhecido por Som, explica como se dá a festa da Nossa Senhora do Rosário em Airões. Som é membro da banda de congo, nascido na comunidade Córrego do Meio e já tem 20 anos que “pula congo”, como diz ele, e tem a função de Corta Vento dentro da formação da banda. Ele ressalta que a maioria das pessoas que visitam a festa pensa que ela acontece só no final de semana que os congos estão na rua louvando Nossa Senhora do Rosário, mas segundo ele:

“Na verdade a festa do Rosário muita gente acha que começa no sábado e sai o domingo, na verdade a festa do rosário começa com a novena de Nossa senhora do Rosário, começa nove dias antes do dia da festa necessariamente. Ai tem a novena, tem a novena na igreja, no nono dia que é o último dia da novena tem o levantamento

do mastro que sempre da num sábado, é , que acontece por volta de 7 horas da noite, após a última reza da novena, ai tá aberto, no caso assim a festa da Nossa Senhora do rosário, tem o levantamento do mastro.”

O hasteamento da bandeira no mastro é de grande valor para os congos e um grande espetáculo para os visitantes e convidados. Um momento muito bem idealizado, visto que ocorre queima de fogos por um longo período de tempo e os cânticos nesse momento fazem louvar a Nossa Senhora que é a protetora dos negros e da banda de congo. Como destaque o Som, cada momento da festa tem suas respectivas músicas e é função principalmente do Mestre ou dos Rei do Meio saber os cânticos apropriados para cada situação na festa, já que são eles detêm maior conhecimento da festa, dos cânticos e embaixadas.



Figura 3-Hasteamento do Mastro, Airões MG 2014

Crédito: Luciano Hara

Após o levantamento do mastro, há um cortejo no centro da vila para finalizar o dia de sábado, seguido de um jantar oferecido pelo Rei Velho. Com isso todos já cumpriram as suas obrigações com esse dia da festa e estão liberados para descansarem para o dia de domingo, quando a festa começa cedo, com a alvorada. A alvorada sempre começa com a concentração dos congos na Sede Cultural Quilombola no Córrego do Meio, saindo para uma procissão de anúncio do último dia da festa. Som explica que:

“(...) 4h da manha tem alvorada, ai o momento principal, forte da alvorada é salvar a igreja, no caso que acontece, a gente sai 4h da manhã da casa, onde tem a casa cultural, considerado a casa do antigo mestre, a gente vai em cortejo na rua em direção a igreja,

salva a igreja assim que o sol estiver nascendo e depois salva uma outra igreja que na verdade era pra ser a igreja de Nossa Senhora do Rosário, é, depois tem o café, acaba tendo mais de uma café na verdade, ai tem um cortejo.

“Eu estava dormindo quando eu vi caxa batê

Eu estava dormindo quando eu vi caxa batê

No congado ieu nasci, no congado eu vou morrê

No congado ieu nasci, no congado eu vou morrê”(Cântico puxado pelo Mestre Boi na alvorada).”

Após o café da manhã, há um descanso de umas duas horas aproximadamente, para que os congos se preparem para a parte final da festa. Esse intervalo é reservado para a vestimenta da farda ou uniforme, como eles se referem a roupa de congos, que é um traje todo branco, com uma saia colorida por cima da calça branca, capacete (adorno que vai na cabeça, que é todo enfeitado e colorido, que varia de congo para congo o modo de enfeitar) e a capa, que não é usada por todos os integrantes. De acordo com Som, a capa simboliza certa hierarquia entre os integrantes e ele ressalta a importância de cada integrante no grupo:

“Já o Corta Vento, a função do Corta Vento, usa a capa, puxa cântico também, fica lá no meio ali, cuida um pouco da organização, olha se a galera tá em fila, tá atento se tem algum buraco no meio da rua para os congos passa e não cai. E o Rei de Meio já fica mais centrado ali, porque essa função de passar, já ta ligado em tudo isso, e o mestre tem que engloba tudo isso, entendeu? Ai no caso o Corta vento é mais baixo que o rei do Meio, que é mais baixo que o Mestre. São os três que usa capa e espada. Ai tem os integrantes que fica na fila, que não é menos importante, na verdade é até mais importante porque eles que responde os cântico, eles que fazem os cântico ser entendido pela maioria e tal, então não é menos importante que um Rei do Meio.”



Figura 4- Rei do Meio, Airões MG 2016 Crédito: Leandro Avelar



Figura 5- Congos (brincantes), Airões MG 2016
Crédito: Bruna Cássia Gomes

Esse retorno após o descanso do café da manhã, já é para o almoço que antecede a procissão, que sai em busca dos Reis velhos e os Reis novos nas suas respectivas casas. Essa “retirada dos reis”, como dizem os congos, é executada com um ritual onde dois Corta Vento colocam as espadas em forma de cruz na porta da casa para que o rei, rainha e a corte saiam para a igreja, já com a proteção divina. Esse momento acontece com muitos cânticos e embaixadas, pedindo a Nossa Senhora do Rosário e os outros santos protetores dos negros, que abençoem e protejam os Reis festeiros. Como deixa claro na fala de Som “Já sai do almoço em sentido a casa do Rei do velho primeiro, a gente busca o Rei velho e depois busca o Rei novo, ai já leva eles pra igreja, claro que tem todo esse cortejo e ai a essa altura já tá dando uma ou duas horas da tarde onde tem a missa”



Figura 6-Momento da retirada da rainha velha, Airões 2016 – MG

Crédito: Maria José de Souza

Ô meu rei velho (ou novo) vem cá pra fora
 Ô meu rei velho (ou novo) vem cá pra fora
 Pega a capa chegou a hora
 Pega a capa chegou a hora
 Rainha velha (ou nova) sai cá pra fora
 Rainha velha (ou nova) sai cá pra fora
 Pega a capa chegou a hora, pega a capa, vamos embora
 Pega a capa chegou a hora, pega a capa, vamos embora
 (Música para tirar rei e rainha de casa- Som)

Após a retirada dos Reis e Rainhas das suas casas e seguindo em procissão para a Igreja, a festa continua com a missa. Nesse ano a missa na festa do Rosário em Airões foi realizada com o caráter de missa conga. Adiante será apresentada uma melhor definição e explicação do que é uma missa conga.

Na missa, os Reis e Rainhas, velhos e novos, ficam em seus tronos, posicionados um de cada lado dentro da Igreja, ficando um de frente para o outro. Essa missa começa a sinalizar os

momentos finais da festa. Durante a missa acontece o momento da Chamada junto com a Corte, que será detalhado mais à frente como um dos momentos que simbolizam a história dos negros durante a escravatura.

“No momento da missa tem um outro grande momento, depois que chega na igreja com os reis lá, nos tronos lá, ai tem um grande momento que é o momento do corte, é, isso mais ou menos no final, já encaminhando pro final da missa, porque depois do corte tem a procissão com a Nossa Senhora do Rosário, faz um cortejo na rua, volta pra igreja né, ai tem a troca de coroas, depois dessa troca de coroas tem, já ta caminhando pro fim da festa. Trocou a coroa ai o rei velho já deixou de ser rei, já vai ser deixado em casa. Já leva no caso o rei novo em casa e depois a gente entrega o rei velho, ai praticamente termina o compromisso do rei velho, deixou ele em casa ele já cumpriu o papel dele, já cumpriu a festa, terminou a função dele no caso assim, entendeu?” (Som)



Figura 7- Rei e Rainha em cortejo para a missa, Airões MG 2016

Crédito: Maria José da Silva



Figura 8- Configuração da missa, Airões 2015

Crédito: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo –Paula Cândido MG

Durante a missa, há uma pequena pausa para um cortejo nas ruas principais de Airões com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, no qual a Santa é carregada tanto pelos congos como pelos festeiros presentes que se disponibilizam. No retorno à Igreja ocorre a coroação.



Figura 9 - Procissão com imagem da Nossa Senhora do Rosário, Airões MG 2015

Crédito: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo - Paula Cândido MG

CAPÍTULO 3

SIMBOLOGIA

Ao fazer uma análise de símbolos, realiza-se um estudo da representação que existe por detrás da simbologia que objetos ou momentos representam. É uma área de estudo que é muito pesquisada, onde cientistas pesquisadores ou simpatizantes pela área extraem informações da história da humanidade nas mais variadas esferas do conhecimento. E que cada símbolo pode ter uma relação direta com uma ou mais áreas específicas, como exemplo, Santos (1945, apud RODRIGUES, 2012, p. 47) aponta:

- a) A Filosofia: cada símbolo, sobretudo, os religiosos, possui, geralmente, uma conotação filosófico-metafísica, a qual o sujeito é instigado a uma reflexão sobre o significado daquela imagem, ou seja, conduzirá o indivíduo pela busca do saber por meio do significado do emblema;
- b) A História: cada símbolo tem uma história, ou seja, esteve presente nesta ou naquela cultura. Talvez esse seja o ramo do conhecimento que mais esteja ligado aos símbolos, pois os mesmos se encontram presentes na humanidade há milhares de anos, sendo transmitidos de cultura para cultura;
- c) A Antropologia: se cada símbolo é uma criação cultural do homem, não se poderia excluir esse importante ramo do conhecimento.

A identidade de um povo se manifesta nos seus artefatos que são utilizados tanto para o dia-a-dia ou em momentos de festividades, de culto, de trabalho, e tais momentos acontecem onde ele se estabelece, ou seja, no seu território. O território que lhe oferece as condições para que se possa realizar suas tradições. Esses momentos ou objetos, carregam simbolicamente a codificação da identidade de um povo, é onde se pode analisar a origem geográfica ou étnica de uma comunidade, a história de seus ancestrais, seus mitos e crenças.

A escolha desses símbolos ao serem analisadas, vem da participação na festa e de diversas rodas de conversa e em algumas entrevistas com os integrantes da banda de congo. São momentos e informações que ficaram claro a importância que essas simbologias têm para eles, em que se manifesta uma certa identidade afro-brasileira, e como os detentores dessa cultura, lhes é por direito transmitir esses conhecimentos e representar essas histórias de seus povos. Algumas simbologias são um pouco mais óbvias de serem analisadas, porém, outras já são temáticas que não são fáceis de abordar e fazer certas analogias, por adentrar em questões que são mais complexas, tipo a religião.

3.1- FERRO: Espada; Cruz; Proteção

Durante uma oficina de maracatu em Ouro Preto no ano de 2013, o Mestre Walter Ferreira de França do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Recife, afirmou que o Gonguê¹ é o instrumento mais importante do Maracatu pelo fato dele vir na frente, abrindo o caminho e dando proteção pra Nação; ele informa que o ferro tem essa função. E sua entrevista, realizada o ano de 2016, Mestre Boi fala que as espadas utilizadas pelos Reis do Meio, Corta Vento e Mestres do Congado, tem a mesma função de proteção. São dois mestres de dois folguedos distintos, porém com certas semelhanças, que embora um se encontre localizado no estado de Pernambuco e outro em Minas Gerais, falam da importância do elemento Ferro em dois objetos diferentes. Além dessa semelhança, existem outras: as duas manifestações têm a Nossa Senhora do Rosário como Santa protetora; existe nas duas a representação de uma corte de caráter europeu e também coroação do Rei Congo. Existe um grau de identidade entre algumas dessas culturas populares afro-brasileiras entre si, pois, “Apesar de não ser possível datar de forma precisa do surgimento, autores como Guerra-peixe, principal pesquisador do maracatu nação, concordam que essa manifestação descende do cortejo real das festas de coroação de reis negros na instituição do Rei congo” (VIEIRA, 2013, p. 11)

O maracatu nação ainda mantém forte ligação com as religiões afro-brasileiras, uma característica que a maioria das bandas de congos perderam ao longo do tempo, com o sincretismo religioso. Tsezanas (2010, p. 110 apud VIEIRA, 2013, p. 13) afirma que “O Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife possui ligação tanto com o candomblé nagô quanto com a Jurema sagrada. Assim, todas as nações têm suas divindades que protegem e que são responsáveis pelo lado religioso da festa do maracatu”. As religiões de matriz africanas no Brasil, como o Candomblé, Umbanda, Jurema Sagrada, entre outras, cultuam os orixás. Para uma melhor compreensão, segue uma passagem de Verger (1981, p. 18 apud PIRES, 2011, p. 2):

A religião dos orixás está ligada à noção de família. A família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos. O orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabeleceu vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais, ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização. O poder, à se, do ancestral-orixá teria,

¹ Espécie de sino com a boca achatada na ponta, todo de metal. Instrumento utilizado nos maracatus pernambucano.

após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada.

No artigo de Adílio Jorge Marques e Marcelo Alonso Morais, ambos professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, os autores fazem uma analogia entre as crenças do catolicismo e religiões africanas, fazendo uso de São Jorge e do orixá Ogum. Na mitologia dessas duas entidades religiosas, eles têm uma relação direta com o ferro, que simboliza força, poder, proteção que eles concedem para a humanidade, segundo Marques e Morais (2011, p. 6)

“Este elemento simboliza a transformação, já que as ferramentas em ferro se tornam úteis (interação) à produção no momento em que são forjadas em altas temperaturas (o fogo simbolizando o potencial criativo da mente). O ferro, portanto, é o símbolo dos objetos que servem aos seres humanos, tornando-os produtivos à sociedade e salvando-os do mal, fato que pode ser percebido na espada de São Jorge.”

Nesse trecho, os autores demonstram a relação de São Jorge com o ferro, principalmente na questão da proteção espiritual. São Jorge que é um Santo que no catolicismo brasileiro tem uma grande aceitação pelos fiéis católicos como Santo protetor. Continuam Marques e Morais (2011, p. 6):

Além disso, Ogum representa a capacidade do ser humano de controlar a natureza e utilizá-la para o benefício de todos. Por conta dos metais, Ogum passou a ser associado à guerra, desviando seu papel de comandante das atividades agrícolas para a atividade bélica e passando a ser o ‘Vencedor das demandas.



Figura 10- Imagem de Ogum e São Jorge Crédito: <http://portal.julund.com.br/noticias/hoje-e-o-dia-de-sao-jorge-dia-de-ogum>

Na entrevista com Som, na pergunta “Qual o motivo por trás dos congos ficarem batendo as espadas umas nas outras e de passarem as espadas no chão na hora de algumas embaixadas? ”, ele fala das espadas mais no sentido de formarem uma cruz para darem proteção à banda, baseada na crença católica, pela fé no poder da cruz.

“Às vezes quando começa, pode perceber que todo mundo que vai, não fica atento a esses detalhes, mas se tiver oportunidade presta atenção. Quando as pessoas começa a bater espada é quando alguma coisa tá, não tá muito legal na banda, ou alguma coisa não tá dando certo, um caxero não tá dando certo, ai, os cânticos não tá saindo, começa a bate espada meio que pra limpar, abrir caminho pra livra a mal do nosso pensamento, sentimentos ruins, entendeu? Batendo as espadas e passando em volta dos integrantes da banda, inclusive tem alguns momentos que bate em cruz em cima dos integrantes, eles estão em roda, ai fica um Corta Vento de um lado e outro do outro e eles vão batendo em cruz em cima dos integrantes. E tem cânticos específicos pra isso também.” (SOM)

Mestre Boi fala da questão da cruz formada pelas espadas no momento que os congos as batem e explica que o motivo de passá-las no chão que é a mesma ideia. Ele também fala de um outro momento, no qual os congos jogam as espadas no chão. No final da fala ele explica sobre a espada no sentido material do ferro prover proteção espiritual:

“(…) da espada né, os risco tem que ser dado em cruz também, é pra confirmar o que ta falando é verdade, não é pra deu nem pra nossa senhora, é para os irmão que não acredita em nada. Risca no chão, pra la e pra cá, e confirmou, se ele tiver falado coisa em vão, o problema é dele, a confirmação. Quando se joga uma espada no chão, eles joga porquê eles quê. Aqui, ali, eu não posso mandar ninguém faze aquilo, eu não tenho direito de fazer. Isso depende da ideia do cara, isso vai de cada um, se não quiser jogar ele não joga, ai que ta o problema né, ai vai ser tocado, se ele jogou ela em cruz é porque algo bateu na cabeça dele lá. Eu não posso mandar ninguém joga espada no chão ou apanha ela, sabe como é! Não é toda hora né, tocou jogou lá, não é toda hora, porque os mal também ali vai se junta ali, a espada é espada, é muito importante, ela é material ela não é uma carne né. Com ela (a maldade), a carne nossa é fraca, mas a espada é ferro.” (Mestre Boi)



Figura 11- Congos batendo as espadas formando a cruz, Airões MG 2016

Crédito: Júlio César Almeida Pacheco



Figura 12- Espadas ao chão, Airões MG 2016 / Crédito: Maria José de Souza

O sincretismo religioso entre a Igreja Católica e religião afro-brasileira pode ter originado esse poder simbólico de proteção que a espada representa no congado, uma releitura dessa fé/crença a partir dos Orixás e dos Santos católicos. A religião católica é sem dúvida a predominante na religiosidade na banda de Congo José Lúcio Rocha. Porém, analisando a trajetória da história do congado desde seus primórdios, com os negros africanos escravizados no Brasil, não se pode negar a identidade cultural e religiosa afro-brasileira que o congado carrega nos seus símbolos e ritos. A analogia feita pode parecer um pouco vaga, mas não se pode descartar essa ideia da origem desse poder que a espada/ferro tem para o congado, que pode ser fundamentada nos poderes de São Jorge, e nem também pela mitologia dos Orixás, especificamente Ogum. Essa é uma teoria que demandaria uma pesquisa mais aprofundada, que pode ser feita em outro momento.

3.2-MUSICALIDADE: O Tambor; Cânticos; Dança

O som está presente na natureza em diversos momentos. Na chuva, na correnteza de um rio, nas ondas do mar; o som da água que representa vida, um elemento essencial existência humana. O ritmo se encontra em diferentes tipos de sons, que variam do agudo ao grave, da forte intensidade presente num trovão, à batida do coração que marca o compasso da vida.

A partir de agora, a observação é focada na percussão afro-brasileira, nas letras dos cânticos e na dança presentes no congado. O tambor não é o único instrumento presente na

composição de uma banda de congo, compondo a musicalidade da Banda de Congo José Lúcio Rocha está presente o pandeiro, a sanfona, a viola, o cavaquinho, o ganzá (espécie de chocalho) e reco-reco de molas, a caixa e a cuíca.



Figura 13- Sanfona, violão, pandeiro e caixa, Airões MG 2016

Crédito: Leandro Avelar

A sonoridade do Congado e os fogos de artifício soltados por eles é o que avisa sempre a chegada de uma banda de congo. O som dos seus instrumentos de percussão, a caixa (no caso da banda José Lucio Rocha, é uma só, que segundo Mestre Boi é tradição do grupo), os vários pandeiros e chocalhos e a cuíca, produzem uma sonoridade em que o som grave se destaca. O som grave, por se propagar melhor, avisa a chegada da banda e é na alvorada que começa a anúncio da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário. A fé em Nossa Senhora do Rosário, provavelmente, é a motivação da força de vontade que nutre os congos a dançarem, cantarem e tocarem durante o dia todo da festa sempre de pé.

A musicalidade também exerce um papel fundamental para o desempenho da festa. Enquanto há o batido forte e grave do tambor juntos com os outros instrumentos, os congos parecem entrar numa espécie de “trance” que dançam e cantam sem parar quase o dia todo. Esses momentos em que a história de seus antepassados é revivida e representada, mesmo que em forma de espetáculo, não deixa de ter fortes emoções e sentimentos expressados por eles através do tocar, dos cânticos e das embaixadas. Nesses momentos, os sujeitos que compõem as bandas de congo, que no dia a dia são cidadãos simples no meio em que vivem, que não tem às vezes papel de destaque social nas suas comunidades durante o ano todo; adquirem uma extrema importância para o decorrer da festa, visto que são eles os protagonistas que fazem com que haja uma mudança no tempo e no espaço daquele lugar, no qual se passa de um tempo

cronológico para um tempo histórico e sagrado. Segundo Martin Stokes (1994, apud LUCAS, 2014, p. 77):

“O evento musical, desde de danças coletivas até o ato de colocar uma fita cassete ou um CD num aparelho, evoca e organiza memórias coletivas e proporciona experiências de localidade com uma intensidade, uma força e uma simplicidade inigualáveis a nenhuma outra atividade social. Os “lugares” construídos através da música envolvem noções de diferenciação e fronteiras sociais.”

O Congado, como uma manifestação de origem africana, ao se pensar na sua musicalidade não pode dissociar a música da dança e do seu ritmo envolvente dos tambores. Esses três elementos importantíssimos para que ocorra o rito do congado são complementares. Como observador participante, fica claro a função sonora dos tambores, sendo o instrumento que é tocado em quase todos os momentos da festa, presente durante os cânticos no ritmo forte da sua marcação e com repiques espaçados, a saudação da Igreja e retirada dos Reis e Rainhas no toque mais lento; sendo a caixa o único instrumento a ser tocado nesses dois momentos por último citados. De acordo com Lucas (1991, p. 1 apud BRETTAS; FROTA, 2012, p. 38):

“Os rituais se cumprem em meio a música, cuja a força emana dos sons dos instrumentos dinamizando a palavra cantada e os gestos do corpo, sendo o cantar, o tocar e o dançar um ato único de oração. A música traduz assim, aspectos da cosmovisão de seus participantes, ao mesmo tempo que constitui um meio no qual significados são gerados e transformados. Essa importância ritual da música revela a porção africana dessa síntese afro-brasileira, a partir do próprio caráter sagrado dos instrumentos, sobretudo caixas e tambores, considerados corpos intermediários no canal de acesso do homem ao divino. Este caráter se estende a música, sobretudo a linguagem rítmica, determinando uma concepção musical particular dos congadeiros e uma atitude cerimoniosa, de respeito e responsabilidade, em torno da experiência musical.”

Com a modernização, tudo vai se transformando e isso não exclui os artefatos utilizados pelos congos para a realização da manifestação. Desde a origem do congado, os tambores sempre estiveram presente nessa cultura afro-brasileira. Um instrumento que carrega uma função espiritual, sagrada, de respeito nas manifestações de identidade africana. Hoje, nas bandas de congo marcam presença diversos tipos de tambores e caixas, de vários tamanhos e formatos, de confecção artesanal ou industrial, porém não perderam a característica da musicalidade africana, que é de uma musicalidade sincopada, que o diferencia da música europeia. Esse conceito de síncope fica evidente na batida da caixa, quando o caixeiro cria notas fracas que se arrastam entre as notas fortes nos principais tempos, que no caso é um compasso de quatro tempos (LUCAS, 2014), em que a base da batida do congado se mantém no primeiro e terceiro tempo, preenchendo o resto do compasso com batidas nos aros das caixas e notas fracas no repique. Como ressalta Pereira (2011, p. 99),

“O que ele enfatiza é que pesquisadores da música africana perceberam que o que seria um desvio da música europeia, seria a regra de alguns encadeamentos rítmicos da música africana. O autor sustenta que os músicos brasileiros procuraram registrar a música africana no Brasil por meio da escrita convencional, ocasionando na escrita musical um número de síncopes consideráveis. Por esse motivo, a palavra síncope entrou no vocabulário da música brasileira, segundo o autor, para fazer referência ao que temos de africano na nossa música.”



Figura 14- Caixaieiro, a mão esquerda faz as notas fracas de preenchimento e a direita as fortes e nos aros, Airões MG 2016

Crédito: Leandro Avelar

A título de curiosidade e de realçar a importância do tambor para os africanos descendentes, no quesito ancestralidade e espiritualidade, segue uma apresentação mitológica da origem do Tambor, na tese de Silva (2010, p. 193):

Nos primórdios da civilização não existia em Oyo-Oro, cidade desaparecida, nada conhecido como tambor; ali morava uma mulher chamada Ayántoke, mas as pessoas a chamavam de Ayán. Esta senhora era estéril, andava sozinha pelo mato, sempre com um 193 pedaço de madeira oco. Um dia ela viu uma pele de bode e resolveu cobrir as extremidades do pedaço de madeira, mas a pele ora não se adaptava muito bem, ora rasgava quando ela batia com um pedaço de pau. Ela insistiu várias vezes no seu intento; usou também um pedaço de couro em forma de tira para bater nas extremidades do tronco, mas nada dava certo. Finalmente, um dia. Exu apareceu e lhe deu tiras de couro de veado a fim de que amarrasse com firmeza o couro no tronco. E foi nesse momento que o tambor deu um som melodioso. Ayán começou a tocar o tambor por toda a cidade, as pessoas corriam para escutá-la (todos surpresos!), por que nunca tinham ouvido alguma coisa semelhante antes... Ela também ganhava muitos presentes. Xangô – orixá do trovão – na qualidade de rei da cidade, quando a ouviu convidou-a para morar no palácio. Ela tornou-se a tocadora oficial do palácio de Xangô. Todos sabiam que ela era estéril; no entanto, mais cedo ou mais tarde ela teria um filho, uma vez que qualquer mulher estéril que entrasse no palácio de Xangô tornava-se fértil. E foi o que aconteceu: Ayán casou-se com Xangô e logo teve um filho que foi chamado de Aseorogi. Ela passou toda a arte de tocar e construir o tambor para o seu filho. Ayán também é, hoje, o nome dado a todos os membros de uma família cultuadora do tambor, entre os povos Iorubá.

Quando se fala da Dança Afro, tem que se pensar em dois tipos de dança. A dança que vem de dentro dos terreiros, que carrega a informação religiosa e cultural da identidade afro-brasileira transmitida pelo corpo negro na hora do culto; ou então pela dança em formato de cortejo que pode ser compreendida nos folguedos que saem para a rua desde dos tempos colônias, (DIAS, 2011). Essa segunda modalidade representa bem o estilo da dança do Congado, uma dança com caráter menos religioso durante o cortejo, porém sempre com a agilidade do corpo negro para se mexer. Esse dançar era aceito pelo homem branco e que o negro poderia executar sem que houvesse proibição. Segundo Dias (2011, p. 1),

Na crônica histórica brasileira da Colônia e do Império, as danças de terreiro dos escravos negros, designadas batuques, são qualificadas via de regra como diversão “desonesta”, sobretudo pelos representantes do poder político- administrativo e religioso, manifestando-se o temor de que se tratassem de rituais pagãos e atuassem como fermento de desordem social e revoltas. No pólo oposto colocam-se os festejos públicos dos Reis Congos (congadas), considerados “diversão honesta” para os escravos e incentivados pelos senhores.

Nas entrevistas, quando questionado sobre o estilo da dança do congo, Mestre Boi fala em três tipos de danças mais corriqueiras, além de explicar que os passos são livres para criação de cada congo. Num dos passos ele volta a falar da cruz, da proteção que sempre é necessária durante a festa, só que dessa vez a cruz é representada em um dos passos:

“Os congos hoje ficou preguiçoso né, uns ficou vei e outros ficou preguiçoso. Tem a dança do Sapo, que é aquela que dança no pulo o chão. Tem a dança de baté o calcanhar atrás, um pé chegando e outro saindo, tem que ta com a junta muito boa, se você pisa no calcanhar você cai, tem que treina. Eu mesmo já pensei em treina aqui debaixo dessa coberta, mas eu sozinho, mas tenho dado bobeira, ai os ossos lá vai só ... o Sr Raimundo Genuário dançava ela, é o Marimbo, dança do Marimbo. É o Sapo, o Marimbo e o Cruzado né. Tem três tipo de dança, e a do Pé, joga um pé joga o outro também, como se você tá chutando. Tenho visto pouca gente dança ele, ela não cansa muito, o corpo é que ginga muito né ... mas si quiser pode inventa outro tipo de dança.

O Som, eu expliquei pra ele muito, ele dança muito cruzado, tudo cruzado, o diabo não gosta da cruz, ele é inimigo da cruz, não é chegada a cruz.” (Mestre Boi)



Figura 15- Pernas Cruzadas, Airões MG 2016

Crédito: Leandro Avelar



Figura 16- Dança do Sapo, Airões MG 2016

Crédito: Leandro Avelar



Figura 17- Dança Livre 1, Airões MG 2016

Crédito: Leandro Avelar



Figura 18- Dança Livre 2, Airões MG 2016

Crédito: Leandro Avelar

A música é importante para reviver ou manter vivas as tradições e identidades de um povo, ou contar as suas histórias, no caso, a história do povo negro africano escravizado no Brasil. Essa tradição ainda se encontra presente na Banda de Congo José Lúcio Rocha, através da própria manifestação do Congado, das letras dos cânticos e embaixadas que relatam vários episódios da história do negro e do Congado, como afirmam o Mestre Boi e Seu Bené (presidente da banda de congo José Lúcio Rocha). As embaixadas possuem partes das letras ou algumas palavras que não são cantadas em português, como diz Mestre Boi “Nós temo aqui as embaixada, nós temo, falamo a língua, sabemos que é a língua África né, não temos conhecimento da letra, mas tem alguém correndo atrás pra traduzir pra nós o quê que nós falamo , tem uma embaixada assim”:

“Quem soi voz mungum a mi senhor

Pai di ganhe serviço conforme se o exame gaguna di gancho (Boi-quando falo o resto)

Barriga Cheia estica, a preguiça acompanha até no calcanhar” (Boi- ai é português)

(Boi-ai tem o Disinbuia):

“Ó disimbuia, que di matinado” (é língua afro, sabemo disso)

“Ó disimbuia, que di matinada

Qui é festa do Rosário Senhor real vassalo

Ó logo lá meu secretário, secretário da real pessoa secretário da minha coroa

Andar andar vosso monarca, resem ostos , asto que estou bem ,então passa

Senhor vassalo, ô vai ver ou mano mi saberé, que di congo armado com as ardia afastado e guarnecendo minha pessoa

Si for gente di festa se di qui festa mas o festa, se for gente de arenga se di qui arenga

Malanhão quali qui mi faça mi mesmo, também ser uso da bagalia” (Mestre Boi)

Na entrevista com o Mestre Boi, ele afirma que embaixadas e cânticos do congado estão relacionados com a cultura africana, com a relação de manter as tradições de seus antepassados e ele deixa claro na sua fala como que essa cultura é passada de geração em geração na maior parte das vezes oralmente, principalmente num tempo passado em que a dificuldade de registrar esses momentos não se compara com a atual conjuntura dos meios tecnológicos hoje existentes. Como ele mesmo ressalta:

“Então mistura a nossa língua, nos temo ai, eu sem entende nada os meus mestre me ensinou assim, quando eu perguntava o que significa “disimbuia”, ele dizia assim: “Se você me perguntar mais o que significa disimbuia, nem disimbuia eu te ensino” . Então ficava ruim né, aquela época nós tinha que respeita, não ensinava mais nada, um tinha medo do outro. Fala com você, se você conta pro branco, o medo nosso era esse falar as coisas pro outro, o outro corria e contava para o branco, Nois temo então, ta ai o que eu aprendi, eu aprendi até o rumo dela né , esses “voz mungu” , “ami senhor”,

então, tem tudo pra dizer que o negro, os africano veio e misturou né, nós tem muti sangue né , eles vieram pra cá e misturou, ai a nossa festa do rosário ... a entrada deles parece que foi la em Mariana , Ouro Preto, essa área ai. Bahia primeiro, caiu la no, na praia da Cambraila, não sei se é Cambraila, parece que tem até uma pedra lá, onde eles chegaram. Então a banda de congo nossa praticamente, depois da libertação, isso foi em 1988, 10 anos depois tinha alguém ai, era maneira também de distraia, hoje nos temo televisão, nós temo internet, nos temo forró, uma cantoria no sábado, se juntava debaixo de uma arvore, não tinha onde fazer , começava a canta né , a gente prestava muito atenção, por isso que falo sobre as mentes hoje. Você chegava perto de mi você via eu, hoje tou com 66 anos, eu decorei tudo o que o cara falou, falava uma duas vezes, terceira não explicava você mais. Que mente que nois tinha e consegui ficar na minha cabeça 60 ano essa palavra “disimbuia” né.” (Mestre Boi)

Inaicyra Falcao dos Santos, cantora lírica com foco na música sacra negra e pesquisadora das tradições afro-brasileiras, compartilha dessa mesma teoria, a qual sua concepção Santos (2002, p. 52)

Todas as formas de arte (canto, dança, música) na tradição africana possuem o mesmo processo de aprendizagem, ou seja, um processo iniciático que ocorre desde a infância, imitando-se os mais velhos, a aprendizagem está fundamentalmente ligada ao aspecto religioso, o *religare*, em que os conteúdos culturais são transmitidos de geração a geração

Por isso a música deve ser entendida como uma construção social. Porque ela carrega informações codificadas da identidade de quem a reproduz, porque através dela se pode perceber a trajetória do povo que a criou, na qual ficam as marcas das técnicas, costumes, tradições e conhecimentos dos seus antepassados, Souza (2002, p. 181)

As raízes africanas eram visíveis no processo de escolha dos reis e se manifestavam na comemoração festiva da eleição e coroação, com ritmos próprios, ao som de instrumentos de origem africana, acompanhando danças nas quais a postura do corpo era marcada pela velocidade dos paços e pela independência entre os membros superiores e inferiores, que dava aos observadores a impressão de desarmonia dos gestos, muito diferente da rigidez do tronco e coerência entre pernas e braços que caracterizam a dança europeia.

3.3-Missa Conga

A festa de Nossa Senhora do Rosário de 2016 em Airões confirmou o quanto essa comemoração cultural tem resgatado suas tradições, e cada vez mais lutado para afirmar sua identidade negra. Com o passar dos anos, a presença de grupos de dança, canto, percussão afro-brasileira, como exemplo o grupo de percussão Ganga Zumba de Ponte Nova MG, são cada vez mais presentes.

O congado é um exemplo claro do sincretismo religioso e cultural entre a Igreja Católica e religiões afro-brasileiras, entre a cultura europeia e africana. Isso fica bem claro no processo todo da festa do Rosário: a devoção dos congos, na maioria negros, pela Nossa Senhora do Rosário, uma santa da Igreja Católica, ao mesmo tempo com a presença forte de seus ritmos,

danças e cânticos em dialetos de origem africana. Esse ano de 2016 em Airões, a Missa Conga foi incorporada à festa, para a coroação dos Reis e Rainhas ao invés da missa normal tradicional da Igreja Católica, como afirma Poel (2005, p. 24):

“A missa Conga é uma manifestação recente. Sempre houve missas nas festas de N.S. do Rosário, mas não existiram manifestações “afro” com tambores dentro das igrejas. Pelo menos, disso não temos notícia, nem mesmo nos sécs. XVI, XVII e XVIII quando o padroado e a igreja do Brasil ainda não seguiam o direito canônico da igreja tridentina que proibia o uso de qualquer tambor na liturgia. Sabemos que as irmandades cantavam suas missas festivas em latim, e muito solenemente. A missa Conga é do tempo do Concílio Vaticano II (década de 1960) quando no Congo surgiu uma famosa “Missa Luba” ainda em latim, mas de caráter fortemente africano. No canto do Credo, tambores de sinais avisam a morte de Jesus. Esta missa foi cantada dentro da basílica de São Pedro, em Roma, pelos Trovadores do Rei Balduino, e emocionou o mundo inteiro. Foi naquele tempo que a Missa Conga surgiu em Belo Horizonte. Não se trata de uma missa com enfeite de congado e sim de uma celebração da memória da paixão de Cristo unida à memória da escravidão do povo negro. Impressiona muito quando, no início da missa, o congado canta diante da porta fechada da igreja: “Branco ia para a missa, negro é que carregava./ Se dissesse alguma coisa, de chicote ele apanhava./ Branco reza na igreja, negro reza na senzala./” E continua: “Senhor padre, abra a porta, que o negro quer entrar.”



Figura 19- Missa Conga, Festa do Rosário, Airões MG 2016

Crédito: Maria José de Souza

A parte musical da Missa Conga na festa do Rosário em Airões ficou a cargo do Grupo Afro Canga Zumba. O grupo foi criado em 1997 e trabalha na área de associações sócias e cívicas, com demandas no setor de vestuário direcionado a preservação da cultura afro-brasileira. O grupo percussivo Ganga Zumba é composto na sua maioria por mulheres.

O acesso ao Caderno de Cantos do 1º Encontro de Congadas e Congadeiros em Ponte Nova MG, elaborado pelo Congo de Nossa Senhora do Rosário (Mãe Quirinha²) de Ponte Nova, Grupo Afro Ganga Zumba e o Coral Folclórico de Raízes Ganga Zumba, que apresenta o roteiro da Missa Conga, permite uma maior compreensão do ritual. A missa propõe um diálogo entre a liturgia da Igreja Católica com a cultura e religiosidade de matriz africana. Com a presença do Grupo Ganga Zumba e a banda de Congo José Lúcio Rocha, nas primeiras fileiras da Igreja, as orações e cânticos são acompanhadas pelo som dos tambores dos grupos, principalmente pelo grupo pontenovense. A missa é dedicada a Nossa Senhora do Rosário, contendo várias músicas em louvor seu louvor e nesse momento que fica explícita a combinação litúrgica das músicas de uma missa normal como as do congado.

Porém, no início da Missa Conga, quando o Congado e o Ganga Zumba se encontravam posicionados na frente do altar e começaram a tocar na missa, houve alguns fieis que se retiraram da missa. Por mais que a missa seja no dia da festa de Nossa Senhora, promovida pela banda de congo, ainda encontra resistência na aceitação de negros com suas tradições dentro de uma Igreja Católica. Isso demonstra que a luta do povo negro para conquistar espaço na sociedade dominante, elitizada e, na maioria das vezes branca, ainda tem um longo caminho para derrubar tais preconceitos, e estes serão combatidos através de seus turbantes, tambores, danças e cânticos.

² Dona Maria Theodora da Silva (Mãe Quirinha), é descendente direta de D. Idalina Theodora, que morreu em Ponte Nova aos 113. Sua mãe e seus Familiares vieram trazidos como escravos, direto da África, da Região do Congo. Trouxeram junto com eles a raiz do congado. Segundo Mãe Quirinha, sua mãe foi morar na fazenda Calambau, no arraial Santa Efigênia; vivendo lá até os 21 anos de idade ... a eles era permitido celebrar o culto a Nossa Senhora do Rosário, com todas as tradições trazidas da África e assim seu povo continuou a preservar suas tradições. (Caderno de Cânticos, 2005)



Figura 20- Grupo Afro Ganga Zumba tocando e cantando na Missa Conga, Airões MG 2016

Crédito: Maria José de Souza

3.4-O Corte

O comércio triangular da economia açucareira entre Europa, África e América dependia da mão de obra dos escravos fornecida pelo tráfico negreiro. Para que houvesse o sucesso no mercado, muitos negros foram arrancados à força de sua terra natal e escravizados pelo mundo, “o tráfico de escravos era a peça fundamental do império português, uma vez que a prosperidade da América portuguesa dependia dos escravos de Angola, e a prosperidade de Portugal dependia da América portuguesa” (SOUZA, 2002, p. 110).

Ao longo dos anos, aproximadamente quatro séculos em que o tráfico de escravos foi aceito como comércio legal, de acordo Ogot (2010), aproximadamente 22 milhões de indivíduos exportados da África negra em direção ao resto do mundo, entre 1500 e 1890. Porém, a quantidade de negros que foram exportados do continente africano na condição de escravos, não era a mesma que aportava nos seus destinos finais devido a enfermidades e péssimas condições de transporte durante as viagens.

Dos momentos ou simbologias presentes na banda de Congo José Lúcio Rocha e na festa do Rosário em Airões, o momento do “Corte”, analisando, é um dos momentos que mais remete à história, à cultura e à trajetória do povo negro no Brasil, representado pela banda durante a festa. Segundo o Mestre Boi, a palavra “Corte”:

“O Corte, essa palavra corte é, a palavra já indica “CORTE”, corta um negócio qualquer, corta um cara da escola, corta aquele arame, corta aquela pranta, corta essa casa por baixo pra ela cai, “CORTE”, corta sua perna, corta nosso dedo, “CORTE”. É, na época da escravidão, é, havia a senzala, mas havia o, Vou dizer corte, nem sei dizer isso direito, corte né, parece uma coisa assim mais ou menos o lugar onde trocava os escravos e vendia né, juntava tudo lá, os coronéis vinha chegava lá e comprava, trocava. Por exemplo, eu chego lá com a minha filha, minhas duas filha, meus dois filho, ele olhava lá de lá “ e OTO”, pra vender pra outro, era os coronéis. Ai tinha a corte né, um lugar preparado que ali eles encontrava, ali eles fazia negócio, comprava escravo, trocava escravo, vendia escravo.” (Mestre Boi)

O processo de escravatura representou, em certa parte, uma separação dos escravos das suas famílias, quando acontecia a venda de algum membro de um integrante de uma família dos escravos. Nessas separações, provavelmente na maioria das vezes não acontecia o reencontro dos familiares, visto que o escravo era tratado como uma mercadoria qualquer, podendo ser levado para qualquer parte do país.

O momento do Corte ocorre durante a missa, quando está acontecendo a Chamada dentro da Igreja, que é um leilão de músicas, nos quais os festeiros pagam para escutar uma música qualquer da banda de música municipal de Paula Cândido, dinheiro que é destinado a ajudar no custeio da festa. Essa Chamada acontece atualmente no mesmo momento que acontecia a venda de escravos dentro da Igreja na época colonial. Por isso, enquanto está ocorrendo a Chamada dentro da Igreja, do lado de fora os congos estão no Corte:

“Aquela chamada que nós tem ali, o mesário, mesário era os coronéis. A chamada, aquela hora que tá assim, “ Maria Joana deu 20 reais “, ai toca a música e tal , ai quando que tava, “ O escravo Benedito foi vendido por coronel Machado”, “ Tum tum tum” cantava uma música, você entendeu, cantava uma música e tudo, ai o cara ali chorando, papai e mamãe, tá perdendo o cara né. As vezes podia pegar o cara aqui e levar ele lá pra Bahia né, ou pá São Paulo. Então era uma hora muito triste essa hora. Quando um homem ou uma mulher, um coronel dependendo visse você, você era um grande reprodutor né,era uma cara bonitão, um cara mais ou menos de acordo, ele tinha quase um montão de opção para te comprar, se a filha dele gostou, “ a, eu preciso que aquele dali anda comigo”, então tudo bem, ai você cheio de vida, agora eu vou andar do lado da princesa né, que são aquelas meninas que ficam do lado, tem o príncipe e a princesa (exemplifica na corte do Congado), do lado do rei ali. Quando chegava lá, você ia tomar conta da filha mais castrado, como se castra porco. Se a mulher dele gostasse de você, mulher do coronel, ai levaria você, te comprava pro preço que ela pedia, era negócio pro outro cara, é troca né, as vezes dava quatro escravo a troco de um ... Ficava muito triste.” (Mestre Boi)



Figura 21 - Mesários recebendo dinheiro do leilão de músicas na Festa do Rosário, Airões MG 2016

Crédito: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo - Paula Cândido

Como o momento do corte acontece na parte da tarde de domingo, as pessoas já se encontram um pouco cansadas com o decorrer da festa, que está acontecendo com muito vigor desde o levantamento do mastro. Então, esse momento em que o cansaço começa a dominar todos os presentes, era a oportunidade ideal de uma possível fuga arquitetada pelos escravos. A banda de congo nessa hora tinha o papel de distração das autoridades presentes na festa. É um momento que os congos não param de dançar e cantar, sempre se mexendo, muitas vezes em círculos, momento propício para um escravo tentar uma fuga. Era uma forma de resistência ao sistema escravista, os negros se uniam e faziam uso da festa para organização dessas fugas.

Esse momento do Corte, o território do lado de fora da igreja, como todo o território de Airões e Córrego do Meio, se torna um local de produção de significado, que simboliza o que outrora acontecia nesse exato momento da festa. Simbolicamente, esse espaço em frente à igreja, ela se torna nos dias da festa e principalmente na hora do Corte, um território reprodutor da história do povo negro, que é eternizada pela manifestação do Congado nesse território. De acordo com Haesbaert (2005) “todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”.

Como explica Mestre Boi, algumas músicas cantadas nessa hora tinham a função de informar os escravos se a situação estava ou não favorável para a realização da fuga:

“Ai você olha, a hora da Chamada, você vai, cabou de almoçar, já andou noite toda, dançou noite toda, madrugada, quando vai ali, depois da missa já tá doido pra tirar um cochilosim, vai ter que ir pro sol, vai lá bate lá. Naquela hora lá na baxada, enquanto eles fazia negócio, os escravo cantava e dançava cá fora pra tenta uma fuga né, mais a maioria deles era colocado um chocalho aqui, era soldado no pé. Ieu até tenho um cincerro que ando com ele, até nem gosto muito de falar daquele cincerro, aquele que eu ando com ele, porque ele tem um pedaço de facão nele ai, eu não gosto de mexe. Quem me deu ele foi um cara que me prendeu muitas vezes e eu recuperei, ele me procurou e falou “ Vou da pra vc, serve de alegria mas serve de tristeza, porque seus antecedentes perdeu muita coisa por causa desse troço ai “, muita vida dançou por isso ai. Aquele cincerro ali, ele era soldado, tem a corrente nele, soldava com uma solda, você não conseguia fazer isto nem isto (movimentar pros lados) entendeu? Porque naquela fuga, aquilo é troço de burro, os cara solta a noite pra achar o burro na madrugada, o burro tá balanceando e o sino dá um sinal, assim é isto, quando o sino batia, aquele que fugia, os cachorro achava, os próprio capitão do mato né, no pé. É por isso que tem um grupo de cultura de escravo, igual na banda de ubá, ai eles (faz o som com a boca que emita o chocalho no pé). E hoje você notou e tem notado, que não é todo mundo do congo, do maracatu que tá lá nessa hora, uns tá cansado, a maioria não foi ali, outros não gosta, é uma recordação muito forte, eu se eu pudesse não iria, ficava ditado na sombra até acaba a chamada né. É por isso que tem o Corte, aquilo é um corte, ai você ia lá pra fora esperando a sua chamada, pra você não ficar chorando, um meio de estravia entendeu (falando do congado se apresentando nessa hora), ai que vem a música, “Ó Lau Lau”, “Santa Efigénia de Ouro preto”, “ Um Bamba Lá”.

“Ô tem um bamba lá

Ô tem um bamba lá meu carimbe, tem um bamba lá

Ô tem um bamba lá meu carimbe, tem um bamba lá”

Você tá denunciando que tem algum capanga te observando você, pra você não fugi. Carimbè, ai já não sei explicar pra você da palavra carimbè, pode ser um carimbo, é um troço que eu não sei. E nois, Bamba, é aqueles cara que tão falando embaixada, eles são chamado de Embaixador, Corta vento, Bamba, porque eles tem que responder o chamado. Ai tem uma palavra que diz assim:

“Alô Bamba- eu (Boi) pergunto

Congo real majestade ami tixicumbeca – resposta (não sei explicar)

Caba tudo dentro do coração do capitão da guarda”

Quer dizer, é um troço que acabou com o coração de alguém que ouviu né.” (Mestre Boi)



Figura 22- Momento do Corte, lado de fora da igreja, Airões MG 2016

Crédito- Júlio César Almeida Pacheco

No ano de 2016 em especial, houve um momento durante o corte que foi diferenciado dos anos passados. O Rei festeiro desse ano foi o Sebastião Farinhada, mais conhecido por Tião Farinhada, um grande violeiro da música popular brasileira, pesquisador da cultura popular afro-brasileira, contador de “causos”, militante do movimento negro e que tem a viola como um grande instrumento de luta no resgate da identidade e cultura de seus antepassados. Na condição de Rei da festa, na hora do Corte ele tinha a obrigação de estar dentro da Igreja junto da Chamada, porém ele quebrou os protocolos da festa e saiu por breves minutos para o Corte. Segundo ele, a saída dele para o Corte, foi para vivenciar a história sofrida do povo negro durante os anos da escravatura representada pelos congos durante a festa. Um momento de muita emoção, visível na expressão dos congos que nunca tinham visto o Rei sair na hora do corte, ao mesmo tempo de muita tristeza, pois mesmo hoje, de forma teatralizada, revive uma história de separação de um povo que já tinha sido arrancado a força de suas raízes:

“Então, a vinda do rei ali foi a primeira em 60 ano, eles não deixa, porque não pegou mesário que tá por dentro. Fizemo isso pra testa, mas o cara não tá sabendo de nada da história. Na hora que ele levantasse, alguém teria que falar com ele, “ O Sr. Não pode sair, porque tá sendo a Chamada”. O coronel, o Rei tá ali, tem que prestar atenção, tá entrando dinheiro, aquele dinheiro que tá ali hoje pra ajuda na festa, era aquele dinheiro que era pra pagar o escravo, hoje pra quê que serve esse dinheiro hoje,

serve pra compra troço pra nos cumé, ajuda a paga a festa do ano. Dinheiro pra pagar o músico, o congo e o maracatu se quiser cobrá. O Corte é pra isso, ai vai junta uma coisa com a outra, o que houve a 500 anos a traz, a diferença dali, aquele dinheiro que hoje é pra fazer a festa, era aquele dinheiro pra compra, intera o escravo né... Aquele corte ali é muito importante, tem as coisas de tristeza e de alegria. O rei sai de cá e vai lá pro meio, ali vendo que alguém ali será trocado, levado, não volta vai né ... complicado, então essa palavra castrado é complicado, teve vários cortes.” (Mestre Boi)



Figura 23- O Rei Festeiro do lado de fora da igreja no Corte, Airões MG 2016

Crédito: Leandro Avelar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Banda de Congo José Lúcio Rocha, da comunidade Córrego do Meio de Airões, tem mantida a tradição da festa de Nossa Senhora do Rosário por 127 anos ininterruptamente de acordo com as informações coletadas nas entrevistas realizadas para o desenvolvimento da pesquisa. Uma manifestação que vem transmitindo os valores da identidade, cultura e costumes dessa comunidade aos seus jovens. Transmissão que acontece na maior parte das vezes através da oralidade, que marca presença nas conversas na comunidade, tanto no dia a dia como em dias de festas, como nos cânticos e embaixadas do congado.

Através das pesquisas realizadas em bibliografias que abordam a questão da manifestação do congado e entrevistas com alguns congos, fica claro a origem do congado proveniente dos negros africanos que chegaram no Brasil Colônia, na condição de escravos. Que deram continuidade aos seus costumes, por mais que viviam em condições de total repressão de suas culturas que eram e ainda algumas são discriminadas. A coroação do Rei Congo é uma das tradições que os negros mantiveram na diáspora, junto com o costume de realizar cortejos em suas festas, um hábito que várias etnias africanas tinham ao chegar no Brasil. Condições culturais que deram origem ao congado e características do folgado que se manteve até hoje.

A questão religiosa no congado, em específico a Banda de Congo José Lúcio Rocha, o catolicismo é a religião predominante. Uma característica oriunda do sincretismo religioso que na origem do Congado foi necessária. Para que os negros conseguissem festejar suas tradições na rua tiveram que aceitar ou mascarar sua religião dentro do catolicismo, visto que a catequização dos escravos era uma das ferramentas utilizadas pela igreja católica como neutralização de seus ritos e louvores a seus deuses africanos. Pelas observações realizadas, foi constatado resquícios da presença de crenças das religiões afro-brasileiras como a relação do elemento ferro como instrumento de proteção espiritual. Uma característica proveniente das religiões de matriz africana como o Candomblé, a Umbanda e outras presentes no Brasil. Essa analogia foi baseada nas qualidades do orixá Ogum que é considerado como o orixá que protege os homens e abre o caminho utilizando-se do ferro para realizar tais tarefas.

Outros elementos presentes no congado que remetem a identidade da cultura africana, é a questão da musicalidade do congado. Um instrumento que compõe o congado desde da sua origem é o tambor. Um instrumento utilizado por negros tanto em suas festas como em suas manifestações religiosas, que têm caráter sagrado para a função de estabelecer uma ligação com

a ancestralidade de seu povo. Hoje, os tambores utilizados não são confeccionados da mesma forma artesanal, ocorrendo o uso de modelos mais sofisticados, porém, exerce a mesma função de dar continuidade ao ritmo envolvente do congado. Os corpos negros dos congos se mexendo em movimentos rápidos, gingados e quebrados, características de danças africanas, demonstra mais um elemento proveniente da herança cultural dos negros que vieram para o Brasil.

Cabe ressaltar que esse ano de 2016, a festa do Rosário em Airões houve dois momentos específicos em que a ancestralidade do povo negro escravizado no Brasil foi muito presente e marcante para os participantes da festa e para os congos, que foram a Missa Conga e o momento do Corte. Essa missa, uma modalidade que vem ganhando espaço nas festas do Congado pelo Brasil, demonstra o reconhecimento e afirmação por parte de seus praticantes como descendentes de africanos e guardiões da cultura afro-brasileira. O Corte que é a representação da ocasião em que os escravos eram separados de seus familiares e amigos no ato de suas vendas para outros donos. Esse momento representou fortes emoções para os congos como foi relatado pelos que estavam presentes. E também, pelo fato do Rei festeiro esse ano ter saído da igreja na hora do Corte em sinal de homenagem e respeito a todos os negros escravizados que passaram por esse momento de muita tristeza e sofrimento.

Considerando todas as análises realizadas na pesquisa, não fica dúvida da afirmação e presença da identidade e cultura negra no congado José Lúcio Rocha e na festa do Rosário em Airões. Que a manifestação do congado é originária dos negros, isso é um fato já comprovado, porém os resultados desse trabalho, de ressaltar detalhes da cultura africana presente no Congado da comunidade do Córrego do Meio, espero que sejam informações que irão ajudar na conquista dos seus direitos como remanescentes quilombolas, que irá lhes garantir o direito ao território que lhes é por direito histórico, onde se mantem viva todas as tradições que estão ligas ao seu passado.

REFERÊNCIAS

- ARRUTI, José Maurício Andion. (coord.) **Relatório Parcial de caracterização da Comunidade negra das terras de Preto Forro (bairro Angelim, município de Cabo Frio – RJ)**. Relatório preliminar sobre situação sócio-econômica, história e situação legal. Equipe: Alessandra Tosta, Elizete Ignácio e Mariza Rios. Rio de Janeiro: Projeto Egbé – Territórios Negros / KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço, abril, 58 pags. Territórios Negros, 2002
- BRETTAS, Aline, P.; FROTA, Maria G. C. **O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: novas tendências**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio-PPG-PMUS Unirio. Vol. 5 nº 1, 2012, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/138/176>>. Acessado em out. 2016.
- CONGRESSO INTERNACIONAL A EUROPA DAS NACIONALIDADES MITOS DE ORIGEM: DISCURSOS MODERNOS E PÓS-MODERNOS. 2011, Aveiro. PIRES, Álvaro R. OGUM e EXU: quando orixás atemporais fazem a releitura da pós-modernidade. Portugal, Universidade de Aveiro, 2011
- DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004
- ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTORIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES, 3., 2011, Maringá. MARQUES, A. J.; MORAES, M. A. O sincretismo entre São Jorge e Ogum na Umbanda: ressignificações de tradições europeias e africanas. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub_3.html>. Acessado em nov. 2016
- FRANÇA, Cecília Cavalieri; POPOFF, Yuri. Festa Mestiça: **O Congado na sala de aula**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2009
- _____. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. In: X ENCONTRO DE GEOGRAFO DA AMÉRICA LATINA DA USP, 20 a 26 de marc. 2015. Anais eletrônicos... São Paulo: USP, 2015. Disponível em: <http://planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf>. Acessado em: 05 nov. 2016.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 10 eds. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- _____. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003

LUCAS, Glaura. **Os Sons do Rosário: O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá**. Belo Horizonte: 2ª edição. Editora UFMG, 2014

MALCHER, Maria Albenize Farias. **Identidade Quilombola e Território**. In: III Fórum Mundial de Teologia, 2009, Belém. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/120.pdf>>. Acessado em: out. 2016

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007

OGOT, Bethwell Allan (Coord.): **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**– Brasília : UNESCO, 2010. 1208 p.

PEREIRA, André L. M. **Um estudo etnomusicológico do congado de Nossa Senhora do Rosário do Distrito do Rio das Mortes, São João del-Rei, MG**. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade de Minas Gerais- Escola de Música, MG, 2011

PINTO, Alice Regina et al. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos**. Viçosa, MG, 2010. 88 p.

POEL, Francisco Van der. Congado, Origens e Identidade. **Rev. Da Comissão Mineira de Folclore**, Belo Horizonte MG, n. 24, p. 18-26, maio 2005. Disponível em: <<http://www.afagouveia.org.br/RevistasAntigasN24.pdf#page=11>>. Acesso em 1 nov. 2016.

Portal do INCRA. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/passos_a_passos_quilombolas>. Acessado em: 15 set. 2016

Portal do Instituto Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/legis09.pdf>>. Acessado em set. 2016

RODRIGUES, M. H. Algumas considerações sobre o estudo da simbologia religiosa. **Percurso Acadêmico**. Belo Horizonte, MG, v. 2, n. 3, p. 45-58, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/view/3524>>. Acesso em 05 nov. 2016

SANTOS, Inaicyrá Falcão dos. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. Salvador, EDUFBA, 2002.

SANTOS, M. E. M. (Coord.). **História Geral de Cabo Verde: Volume II**. Lisboa; Praia: IICT. Centro de Estudos de História e cartografia Antiga: Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, 1995

SANTOS, Milton (2004). **A Natureza do Espaço – técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: 4ª edição. HUCITEC,

———. **Território e Sociedade**. 1º reimp. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

SOUZA, Daiane. **Missa conga em Minas Gerais relembrará escravidão dos negros no Brasil Colonial**, 2011. Disponível em:< <http://www.palmares.gov.br/?p=15776> >. Acesso em: out. 2016

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil Escravista: história da festa de coroação do Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

THIOLLEN, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008

VIEIRA, Nara Córdova. "**Com licença, povo do congo, pros tambores no baque zoar**": **O Bloco na Festa de Nossa Senhora do Rosário**. Monografia (Graduação em Dança) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.

ANEXO 1**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____,
declaro que concordo em conceder entrevista à Aldemiro Gomes Pio, estudante do curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, orientado pelo professor Gustavo Soares Iorio, para que seja utilizado para o trabalho de pesquisa sobre a presença das simbologia africanas no grupo de congado José Lucio Rocha da comunidade Córrego do Meio.

Viçosa _____ de 2016

Assinatura do entrevistado

ANEXO 2
ROTEIRO DE ENTREVISTA 1

Modelo- Comunidade de Destino: comunidade do Córrego do Meio

Informações pessoais para identificação do entrevistado. (opcional)

Nome: sexo:

Idade: Profissão:

Desde quando mora na comunidade?

Quando e em qual situação começou a comunidade Córrego do Meio?

Já fez parte do Congado? Sabe a história da origem do congado?

Você acha que tem uma identidade africana na comunidade? Como e quando ela se expressa?

Quais os fatores, que levaram vocês a se identificarem como Comunidade Quilombola?

Qual a relação entre as pessoas/famílias aqui no córrego do meio?

Como você descreve a comunidade do Córrego do Meio?

Qual a importância de existir e manter o Congado para a comunidade Córrego do Meio?

ANEXO 3
ROTEIRO DE ENTREVISTA 2

Modelo- Colônia: Integrantes do grupo de congado que são do Córrego do Meio/ Rede: os integrantes mais velhos e os com funções importantes no Congado

Informações pessoais para identificação do entrevistado. (opcional)

Nome: _____ sexo _____

Idade: _____ Profissão: _____

Desde quando mora na comunidade?

Quando e em qual situação começou a comunidade Córrego do Meio e Airões?

Sabe a história da origem do congado? Desde quando faz parte do Congado?

Você acha que tem uma identidade africana na comunidade? Como e quando ela se expressa?

Quais os fatores, que levaram vocês a se identificarem como Comunidade Quilombola?

No Congado, quais são os momentos que remetem a cultura, história, ancestralidade do povo negro?

Porquê que no Congado J.L.R. , tem mulher e crianças como espadeiros, puxadores, e outras funções importantes dentro do congo?

Qual a importância de existir e manter o Congado para a comunidade Córrego do Meio

Você sabe explicar porque os congos dançam pulando?

Como acontece a festa de Nossa Sra do Rosário?

Como se domina os cargos dentro do congado e quais são as funções de cada um durante o festejo?